

A PALAVRA, A RESISTÊNCIA E OS *POEMAS DO POVO DA NOITE*: O TESTEMUNHO EM PEDRO TIERRA

Viviane Cristina Oliveira (UFT/ UFMG)¹

Resumo: Em 1979 foi publicada a primeira edição no Brasil de *Poemas do povo da noite*, obra em que Hamilton Pereira da Silva, sob o pseudônimo Pedro Tierra, deu ao público uma poesia que se constituía em relato e denúncia da tortura sofrida nas prisões da ditadura militar. Seus versos, em que de forma metalinguística nos são apresentadas as tensões de um fazer poético que passa, como afirmou Jeanne Marie Gagnebin, pela “necessidade absoluta do testemunho e, simultaneamente, pela sua impossibilidade linguística e narrativa” (GAGNEBIN, 2003, p. 106), são objeto central deste trabalho, em que pretendo tecer algumas reflexões sobre a potência de um texto que se dobra sobre a sua condição de “documento” e artefato estético.

Palavras-chave: Poesia, testemunho, resistência.

Introdução

Em prefácio à primeira edição do livro *Poemas do povo da noite*, Pedro Casaldáliga alertava o leitor sobre o caráter peculiar das páginas que ali se apresentavam: “Para início de conversa, ou de interpelação, é preciso dizer que este é um livro de palavras verdadeiras: esta poesia é vida; a vida destes poemas, a vida deste poeta descrevendo versos no porão do dia é agonia ou luta culminante, luminoso desafio à morte” e acrescentava “Ninguém pode ler estas páginas como quem desfolha mais um poema, habitualmente flor. Este não é um livro de flores habituais. (...) Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio...” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 5-6). Não sendo um livro de poesia habitual, flor sem perfume, rompendo da violência, como a que Drummond imaginou rompendo o asfalto, *Poemas do povo da noite* torna-se relevante obra para as discussões em torno do testemunho via literatura na América Latina, representando um desafio especialmente pela feição metalinguística de muitos versos, nos quais a palavra poética se apresenta ora como caminho, ora empecilho, para a apresentação e denúncia das torturas e assassinatos ocorridos nas prisões do regime militar.

Escritos durante os anos em que Hamilton Pereira da Silva esteve preso, entre 1972 e 1977, os poemas saíram do cárcere em maços de cigarros, papéis enrolados e inseridos em canetas e em cartas a familiares, nas quais os textos eram indicados como sendo da autoria de um certo autor latino-americano, Pedro Tierra. De acordo com

¹ Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora assistente do curso de Letras, campus de Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Contato: vivianecristina@uft.edu.br.

Flamarion Maués (2009), no artigo “A atribulada biografia de um livro”², a primeira edição artesanal, em papel sulfite, circulou entre os membros de um grupo de apoio aos presos políticos e seus familiares em São Paulo, no ano de 1975, pela ação do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh; em 1977, o padre italiano Renzo Rossi fez novas cópias para fazer circular a obra e, somente em 1978, uma edição apadrinhada por Pedro Casaldáliga foi publicada em espanhol, pela editora Sígueme, de Salamanca, após menção honrosa da Casa das Américas. Em 1979, a editora Livramento lançaria a primeira edição em livro no Brasil, com prefácio de Casaldáliga e desenhos de Pepe, os quais faziam parte da primeira versão artesanal e foram mantidos na segunda edição de 2009, pela Perseu Abramo. Nesta última, o leitor encontra não somente os *Poemas do Povo da Noite*, como também outros poemas escritos nos anos de prisão e lançados em diferentes livros, como *Água de Rebelião* e *Dies Irae*, publicados em 1983 e 1999, respectivamente, obras reunidas e apresentadas pelo poeta por meio de uma “Explicação Necessária”.

Destacando a necessidade de contribuir para o exercício de compreender o passado e o presente, compreender como o sugere Hannah Arendt, no sentido de encarar a realidade e a ela resistir, Pedro Tierra, como assina seus poemas Hamilton Pereira, apresenta-se ao leitor como um sobrevivente que deseja e precisa explicar o impulso para a escrita de seus versos, bem como a necessidade dos mesmos enquanto expressão e trabalho de uma coletividade. Muitos estão presentes não somente nas publicações da obra, como na tessitura dos versos que a compõem, os quais alinhavam nomes e histórias de militantes “desaparecidos”, tal como Ana Rosa Kucinski, cujo pai, Mayer Kucinski, é mencionado pelo poeta como interlocutor que o instigara à escrita de “Os esperados”:

(...) o impulso para escrevê-los me veio de um diálogo, talvez o mais dramático que já mantivera em minha vida até ali. Meu interlocutor se chamava Mayer Kucinski, pai de Ana Rosa Kucinski, militante da ALN, *desaparecida*³. (...) Nunca tivera diante de mim, como naquela tarde, o corpo devastado de um ancião sustentado por dois olhos – duas chamas – que eram a encarnação do desespero. (...) Mayer Kucinski buscava Ana Rosa, sua filha. Desejava, para seguir vivendo, ver o rosto de Ana Rosa. Varava meus olhos com o cravo dos seus e me pedia, patético – a mim, que àquela altura cumpria já o terceiro ano de prisão – uma palavra ainda que fosse a notícia de sua morte. Eu não tinha nenhuma palavra para lhe dar. (TIERRA, 2009, p. 11-12)

A palavra viria pela poesia, pela qual o sobrevivente tomou a tarefa de falar, de dar testemunho da tortura que os mortos sofreram até atingir o silêncio absoluto. Ainda

² Texto publicado na segunda edição de *Poemas do Povo da Noite*, 2009, juntamente com outros textos dedicados à obra.

³ Grifo do autor.

que referindo-se, sobretudo, ao testemunho, na América hispânica, construído a partir do encontro entre pesquisadores e vozes marginais à cidade das letras, como Rigoberta Menchú, podemos nos valer da afirmação de Mabel Moraña para esse e outros textos nascidos da violência da ditadura militar no Brasil: o “testimonialismo es (...) una metáfora de la polifonía de voces que es toda comunidad humana” (MORAÑA, 1995, p. 515). Polifonia que flagramos nos versos de Tierra e nos textos a eles relacionados por uma temática em que experiências distintas da tragédia e do horror encontram-se para fazer refletir toda uma comunidade, que não é somente a da América Latina. Assim, no livro de Bernardo Kucinski, *K: relato de uma busca*, publicado em primeira edição em 2011, reencontramos, na procura incessante de Mayer Kucinski pela filha, o poeta que também deu ensejo a algumas palavras de Frei Carlos Alberto Libanio Christo, Frei Betto, a Alceu Amoroso Lima.

Em *K: relato de uma busca*, o narrador, ao recriar a cena em que os presos “ouviam em silêncio, de olhos fixos no rosto afogueado de K.”, nos reenvia ao poeta que “descreveria, décadas depois ‘o corpo devastado de um ancião, sustentado por dois olhos – duas chamas – que eram a encarnação do desespero’” (KUCINSKI, 2016, p. 161); assim também, Frei Betto, em carta datada de 20 de agosto de 1979, a Alceu Amoroso Lima, indica a leitura das “poesias de Pedro Tierra, escritas com sangue e muita sede de fome e justiça. Este jovem de 30 anos, que vive hoje em Goiânia, foi meu companheiro de cárcere. É mais uma semente que, esmagada, frutificou”⁴. Indicação que valerá o artigo “Mirantes e calabouços”, publicado em 1979 no *Jornal do Brasil* e na *Folha de São Paulo*, em que Alceu lerá, em sua luta contra o regime ditatorial, aqueles escritos como “provavelmente (...) a maior expressão poética da resistência ao terror ditatorial dos nossos últimos quinze anos”, sem deixar de notar que o “sofrimento contínuo que emana de cada página desse canto do povo da noite torna sua leitura quase intolerável, pois a verdade é mais corrosiva do que todas as suas representações estéticas”⁵.

Considerando a validade de ler essa poesia que nos chega seja pela nova edição da Perseu Abramo, trinta anos depois da primeira edição, seja por outros leitores como Frei Betto e Bernardo Kucinski, nestes tempos de crise em que desordens sustentam projetos de falsa ordem, ensaio nas páginas a seguir breves considerações sobre esta

⁴ Em RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). *Cartas de esperança em tempos de ditadura – Frei Betto e Leonardo Boff escrevem a Alceu Amoroso Lima*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 111.

⁵ Em TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Publisher Brasil, 2009, p. 154-155

encruzilhada apontada por Alceu Amoroso Lima, entre a verdade, os fatos, e a representação estética a partir das reflexões que o próprio poeta entremeou a seus versos em um movimento metalinguístico que nos revela, mais do que a certeza, a angústia de um fazer poético que se quer instrumento de denúncia e artefato estético que corresponda a esse desejo e perdure além dele. Nesse processo de, como afirmou certa vez em entrevista, construir a liberdade pela palavra, Pedro Tierra pode ter mostrado ao leitor, em poemas como “Os materiais”, “A palavra sepultada”, “E me interrogo...”, a seguir apresentados, que a palavra usada para resistir também pode resistir ela mesma aos sentidos que desejamos lhe conferir. Eis um dos desafios que essa poesia de testemunho, como todo relato testemunhal, nos apresenta, nos convidando a algumas considerações.

“Eu quis a palavra reta/ feito faca”⁶ – A resistência pela poesia

Com poemas distribuídos em dez partes intituladas “Poemas do calabouço”, “Poemas do povo da noite”, “A hora do inimigo”, “Poemas da Companheira”, “Os esperados”, “Pavilhão cinco”, “O livro dos fuzilados”, “Poemas do ‘Enforcado’”, “Retorno ao labirinto” e “Tempo subterrâneo”, o livro publicado em 1979 trazia ao leitor como prólogo do autor um poema, o “Poema-prólogo”, mantido na segunda edição com a supressão da última estrofe, na qual a voz poética anunciava: “Venho falar/ pela boca de meus mortos./ Sou poeta-testemunha” (TIERRA, 1979, p. 11). Ao longo de doze estrofes (onze na segunda edição), o sujeito lírico afirma sua presença e sua ação como aquele que vivenciou a violência e fala pelos “mortos assassinados” (TIERRA, 1979, p. 10), repetição que aponta a dupla morte dos “desaparecidos”, que recebem pela poesia um registro apagado pela história oficial.

“Fui assassinado/ Morri cem vezes/ e cem vezes renasci/ sob os golpes do açoite// Em cinco séculos reconstruí minha esperança (...)// Fui poeta/ como uma arma/ para sobreviver/ e sobrevivi (...)// sou o poeta que busca/ converter a noite em semente” (TIERRA, 1979, p. 9-10). No passado e no presente, o poeta se inscreve como aquele que viveu a tortura, sobreviveu e, nos dois tempos, fez da poesia arma para resistir e falar pelos que morreram, encarnando metonimicamente as acepções de testemunha enquanto pessoa que vivenciou os fatos e pessoa que viu, ouviu, o que outros vivenciaram, incluindo aqueles que tiveram a experiência integral do horror, os “desaparecidos”,

⁶ Verso do poema “Os materiais”. Em TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Livramento, 1979, p. 45.

“enforcados”, “suicidas”, “atropelados”, “que tentaram fugir”, homens e mulheres cujas mortes são assim listadas nesse prólogo que se quer denúncia e chamado à reflexão. Para tanto, o leitor é convidado a acessar as palavras que se alinhavam páginas a seguir a partir da aderência da poesia ao testemunho, da arte à realidade, da estética que deseja comover à ética que, prezando pelos direitos civis, pauta a apresentação da versão de um prisioneiro, e, por ele, de outros que não puderam falar.

É preciso, assim, ensaiar compreender esse sujeito lírico enquanto uma “referência desdobrada”, como o sugere o título do texto de Dominique Combe sobre o “sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia”⁷, no qual a noção de lirismo como poesia pessoal, que exprime sentimentos íntimos distanciados da exterioridade, é questionada tendo em vista múltiplas experiências poéticas que deslocam essa relação estreita entre poesia e subjetividade para colocar em pauta outras possibilidades de leitura, que pareciam restritas a obras em prosa. No caso da escrita testemunhal, se o gênero narrativo parece mais adequado para a construção de relatos ancorados na memória de fatos que não podem restar no esquecimento, a poesia pode, com os recursos estilísticos que dispõe, acentuar a impressão que tais relatos tendem a causar na sensibilidade do leitor, ou mesmo, expor com mais clareza as ambiguidades e riquezas de todo discurso enraizado em uma dimensão ética e estética, subjetiva e objetiva. Aliás, como destaca Marcelo Ferraz de Paula (2015), a imbricação dos gêneros é constante na construção das vozes testemunhais que são, por si só, um desafio à teoria dos gêneros, uma vez que mesmo nos relatos em prosa, dada “a consciência aguda e trágica dos limites da linguagem referencial”, flagramos a utilização de recursos poéticos denunciados pela “identificação quase absoluta entre testemunho e narrativa em primeira pessoa, via de regra com narradores se deparando com os labirintos da subjetividade, ora esfacelada ora comprometida com sua sobrevivência e a do grupo social”⁸.

Valendo-se dos recursos da lírica, Pedro Tierra recria cenas de perseguição, de tortura, não raro presentificadas por uma voz poética que fala de um passado recente, visto que os poemas foram compostos na prisão. Assim, mais do que relatar fatos, o poeta se vale da concisão dos versos para nos inserir na “Sexta-feira. Noite/ Noite mais longa”⁹

⁷ COMBE, Dominique. “A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e autobiografia”. Trad. Vagner Camilo e Isite Mesquita. *Revista USP*. Nº 84. São Paulo, 2010, p. 114-128.

⁸ DE PAULA, Marcelo Ferraz. “(Des)considerações sobre o testemunho na poesia lírica: uma proposta de diálogo”. Disponível em www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456104781.pdf

⁹ Versos do poema “A última noite”. Em TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Livramento, 1979, p. 95.

em que Vladimir Herzog foi assassinado, ou na cela em que se colocou sobre a grade um capuz trazendo “consigo uma segura/ promessa de dor. Na boca/ do sentinela um meio riso// Cá está uma parcela da noite/ cobrindo meu rosto”¹⁰, ou, ainda, na sala de tortura durante o “Açoite”. Neste poema, composto de sequências de estrofes que condensam verbos e substantivos, entremeadas a outras estrofes de períodos mais longos, como o fôlego de alguma esperança ou da vida que resiste à tortura, o leitor participa da dor sentida e reencenada: “É pau/ é golpe/ é corpo/ é corda.// O corpo/ é grito/ é golpe/ o corpo/ acorda.” (TIERRA, 1979, p. 103); caso similar ao do poema “O ventre”, em que a tortura se faz sentir no presente, no mais profundo do ser, no ventre devastado “nos seus cavos,/ seus vazios”, devassado pelo “aço do cano,/ o aço nos olhos” até que “A força dobra-me a carne/ como quem dobra/ o corpo dos nascituros” (TIERRA, 1979, p. 106) – o ventre que sobrevive à tortura é do ser que renasce como num parto às avessas.

Em entrevista concedida a Maurício Melo Júnior no programa *Leituras*¹¹, da tevê Senado, em 2014, Pedro Tierra comentou, desdobrando a sugestão desses versos, que nasceu duas vezes, a primeira em Porto Nacional, Tocantins, e a segunda na prisão quando se fez poeta para resistir à tortura e à tirania, esclarecendo ter escolhido o nome que assina os textos em função do desejo de se aliar a outros autores e leitores não somente do Brasil, mas da América Latina, que vivenciavam crises políticas. Daí a escolha de Tierra, a terra latino-americana, cuja violência institucional pautou a constituição das nações desde as colonizações, o que faz pesquisadores como Mabel Moraña (1995) e George Yúdice (2002) considerarem que, diversamente da escrita testemunhal sobre a Shoah, na América Latina o testemunho e os estudos a ele dedicados cumprem missão e função distintas. Relatando os crimes políticos, as agressões aos direitos civis, reinserindo no universo letrado vozes marginais, como as indígenas, possibilitando outras versões do passado e do presente, o testemunho, como assim denominou o novo gênero a Casa das Américas, é via para problematizar e reconstruir um outra história. Nas palavras de Yúdice, “El testimonio popular latinoamericano, por otra parte, surge en circunstancias en que la vida ha sufrido cambios irreversibles y está en vías de reconstrucción. Y es, precisamente, la modalidad testimonial uno de los vehículos privilegiados de esa reconstrucción” (YÚDICE, 2002, p. 228).

¹⁰ Versos do poema “O Capuz”. Em TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Livramento, 1979, p. 25.

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6WN0W5NYnk>

É nesse sentido que podemos compreender a feição militante, de chamado à luta e à esperança, que os *Poemas do povo da noite* contêm – chamado coletivo que se traduz nesse título em que uma massa anônima, o povo, é convocada à cena política de seu tempo. Assim, rememorando na tortura do presente antigas formas de violência que sustentaram as sociedades escravocratas (a palavra açoite repetida em vários versos, como alguns mencionados, é simbólica dos castigos sofridos pelos escravos), essa poesia parece ensejar mais do que o relato das agressões sofridas, dos assassinatos cometidos, uma vez que se apresenta como arma, instrumento necessário para a compreensão do que se passou e do que estava se passando no país. É ensaiando aderir a palavra ao seu referente, que o poema “Os materiais” nos revela de forma metalinguística a intenção de resistência pela palavra, de luta contra o inimigo que, nestes e em outros versos do livro, está relacionado à noite:

Eu quis a palavra reta
feito faca.

Eu fiz do verso o corte branco
do metal.

O lento sal dos anos
não lhe roube o fio.

O inimigo não possa
empunhá-lo durante a luta.

Se o carrasco, algum dia,
levar aos lábios meu poema,

o vidro claro do verso
lhe corte a boca.

E a palavra não se renda
à tortura.

E quando eu disser: pedra,
não se entenda pão.

Quando eu disser: noite,
se encontre nela todo poder de treva.

Quando eu disser: eis o inimigo,
mate-o antes do amanhecer. (TIERRA, 1979, p. 45)

A palavra poética, tal como “vidro claro”, é aqui inscrita e desejada numa aderência ao real que remete à função denotativa da linguagem. A fusão encenada dos materiais, a faca, o vidro, à letra, de forma que esta adquira as propriedades e funções dos mesmos, na concisão de versos que concentram-se no verbo e no substantivo, não se

dobrando a adjetivos que entregam sensações, tornam esta poesia sobre a palavra, uma palavra de ordem; uma mensagem sobre como o leitor deveria ler o livro: compreendendo pedra como pedra, noite como noite, com “todo o poder de treva”, o que significa sentir a intensidade da noite, mas não alterar o seu sentido. Assim, o trabalho de escrita se anuncia como de construção da verdade que, conhecida e não corroída pelo “sal dos anos”, denuncia um combate que não é somente desse eu, mas coletivo, a coletividade que se encontra inscrita em muitos poemas que trazem como epígrafes datas e nomes de militantes mortos, como Paulo Tarso Celestino, Alexandre Vannuchi Leme, Luiz José da Cunha, Gastone Beltrão, Mário Alves, Aurora Maria do Nascimento, padre João Bosco, Carlos Marighella, entre outros, cujas mortes são registradas, constando dia, mês e ano das mesmas, ou, na ausência de dados, as referências se fazem nas entrelinhas, como em “Os esperados”, dedicados a “desaparecidos” como Ana Rosa Kucinski.

O poeta-testemunha faz da sua escrita espaço para experiência de um grupo, articulando sua memória à dos que não podem mais inscrevê-la, bem como daqueles que escreveram e militaram em outros países e se tornam inspiração para seus versos – caso de Alberto Szpunberg, militante argentino, cujos versos “...Hemos sembrado la tierra con muertos que sin duda florecerán” são epígrafe do poema “Tecendo o canto”, no qual lemos “Recolho no ar teu verso claro/ à maneira dos cantadores/ do meu país// Hoje silenciosa, a terra trabalha/ seus mortos” (TIERRA, 1979, p. 16). Pela urgência desses registros da violência, a escrita testemunhal se coloca, na poesia, como faca, reta em seu corte, certa em seu sentido, contudo, como afirmou Marcelo Ferraz em fragmento acima mencionado, “a consciência aguda e trágica dos limites da linguagem referencial” perturba todo registro, em qualquer gênero, que se queira representação fiel de fatos passados. Nas palavras de Jaime Ginzburg, a “escrita do testemunho não se restringe ao depoimento direto, mas deve passar pela elaboração atenta dos recursos de linguagem” (GINZBURG, 2012, p. 56) e tal elaboração, que intensifica pela estética o caráter ético desses textos, pode também se apresentar como encruzilhada que deságua no silêncio, na impossibilidade da fala, no questionamento que já se pode adivinhar no primeiro verso de “Os materiais”: “Eu quis a palavra reta” (TIERRA, 1979, p. 45), esse querer não significando a realização plena desse desejo ou mesmo sua possibilidade.

“Hoje eu queria dizer-lhes muitas coisas...” – A palavra que falta, a palavra que resiste

“Hoje eu quero/ um poema transparente, (...)// Um poema capaz de resistir (...)//
Capaz de falar nesta hora noturna/ quando todos dormem, e o silêncio oficial/ amordaçou
as cantigas do meu povo” (TIERRA, 1979, p. 31). Nesses versos de “Aspiração”,
reencontramos o querer desse sujeito lírico que, estabelecendo pela escrita um vínculo
com a coletividade, almeja “um poema transparente”, como o vidro de “Os materiais”,
claro para que seja compreendido, translúcido para que não se confunda seu significado
e a mensagem não se perca em outras significações, resistente para perdurar e ecoar
quando muitos dormem alheios à violência da repressão. Tal como a “Canção amiga” de
Carlos Drummond de Andrade, anunciada para acordar os homens, o poeta, na prisão do
regime militar, expressa semelhante desejo, um poema que fale como as canções
amordaçadas, “quando todos dormem” em um “silêncio oficial”. Poema e canção que
permanecem como projeção, uma vez que o que se expressa é a vontade de alcançar a
palavra transparente, “capaz de falar”, o que não se concretiza nos versos que a anunciam.

O canto desejado, ensaiado, é projetado em versos que culminam na angústia da
impossibilidade, revelando-nos na conjunção entre a arte e a realidade que se quer
apresentar as ambiguidades, fragilidades e a riqueza da escrita que, como afirmou Jeanne
Marie Gagnebin, passa pela “necessidade absoluta do testemunho e, simultaneamente,
pela sua impossibilidade linguística e narrativa” (GAGNEBIN, 2003, p. 106). É assim
que, em “A palavra sepultada”¹², nos deparamos com a suspensão do desejo e da tentativa
de representação das perseguições e torturas vividas pelo poeta e seus companheiros de
cela; nesse poema encontramos a palavra dobrada sobre si mesma, num movimento
metalinguístico que diz muito, da angústia e da violência vividas, justamente por afirmar
a impossibilidade de dizer.

Hoje eu queria dizer-lhes muitas coisas,/ (...)
Sinto enorme o peso das palavras.

É quando a mudez se tornou vício.
É quando o muro não cercou o corpo apenas
e há coisas necessitando explodir./ (...)

Eu queria dizer-lhes muitas coisas.
Não há como fazê-lo.
Na cela ao lado, um companheiro morto.
Algo a dizer sobre isso?
O que pode o grito se não se perpetua?
As palavras estão gastas, mortas por dentro.
Meu corpo será meu grito,

¹² A versão aqui mencionada do poema foi publicada na edição de 2009, em que o pronome pessoal *lhe* aparece no plural, diversamente da edição de 1979 em que lemos “Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas...” (TIERRA, 1979, p.17) – esta pequena alteração sendo significativa da coletividade encenada nos versos.

embora hoje permaneça mudo
e sem esperança de compor um canto urgente.

Hoje eu queria dizer-lhes muitas coisas... (TIERRA, 2009, p. 35)

A realidade atroz de um companheiro morto na cela ao lado impõe sobre o poeta e seus ouvintes a questão “Algo a dizer sobre isso?”. O que dizer diante da morte ou no limiar dela?, é esta uma interrogação que perpassa as diversas escritas testemunhais que, lutando contra o esquecimento, não deixam de continuar sussurrando ou gritando, nas reticências sem fim de um discurso incapaz de aderir a palavra aos fatos, que é preciso dizer, dizer “muitas coisas...”. Se nesses versos vislumbramos as dificuldades da linguagem na representação de uma realidade que ultrapassa mesmo qualquer racionalidade, gestando uma encruzilhada que Adorno (1998) traduziu como a impossibilidade de se fazer poesia após o horror de Auschwitz, no sentido de não se poder tornar assimilável, pela estética, a barbárie, em versos como os de “E me interrogo...”, o que podemos perceber é a impossibilidade da própria palavra poética em adequar-se à realidade e aos sentidos que o sujeito lírico deseja lhe conferir, o que faz restar menos certezas, do que dúvidas sobre a poesia que se quis arma, instrumento de luta: “Chego ao final do poema /e me pergunto:/ estará aí o material proposto?(...)// Terei garantido o corte do verso?/ Ou se perdeu a palavra numa rede de lamentos?” (TIERRA, 1979, p.57).

Na inquietação política e estética que perpassa os escritos de Pedro Tierra, podemos entrever a consciência de que resistir pela palavra é também ter que lidar com a resistência da própria palavra, que pode, inclusive, perder-se “numa rede de lamentos” ou na rede das múltiplas leituras que virão. Assim, algumas palavras recorrentemente acionadas em muitos versos, como noite, semente, povo, podem atrair significados diversos daqueles que podem soar como únicos na voz lírica, dada a potência da própria letra quando colocada em poesia. A noite, com seu poder de sugestão, pode ser a treva oficial que o regime ditatorial impôs sobre o país, como também o momento profícuo em que ideais insurgem-se, tal como nos versos de “Oficina”, nos quais militantes se valem das sombras para forjar a resistência, uma vez que “há no sangue do povo uma oficina” (TIERRA, 1979, p. 37). Da mesma maneira, na imprecisão da palavra povo, coletivo que pode abrigar homens e mulheres do Brasil e de outros países, podemos ler não apenas os que resistem e os que não têm consciência da seriedade dos fatos e, por isso, precisam do grito, do canto dos militantes, mas também lemos os que promovem a violência, podendo ser o povo da noite os que lutam contra as ditaduras, ou os que as promovem.

As interrogações nos versos de “E me interrogo...”, contrapostas às certezas de “Os materiais”, nos permitem ler tanto os atritos da linguagem quando posta à serviço de uma causa pessoal e social, como a abertura que ela oferece como caminho de acesso à realidade e à liberdade pelo pensar e pelo sentir. Talvez, seja nessas dobras da palavra, nas interrogações e lacunas que geram, que se encontre a potência desses textos que ensaiam fundir a literatura ao que parece se distanciar dela, o testemunho em sua dimensão, inclusive, jurídica, apontando-nos assim possibilidades de revisitar com novo olhar os debates em torno da pertinência do testemunho quando aderido ao gênero narrativo ou ao lírico.

O que foge da intenção testemunhal, o que excede, o que falta e o que comove pela elaboração poética, nos dá a perceber a resistência da própria palavra convocada a resistir, resistência que, não raro, a faz permanecer e ultrapassar o presente imediato no qual e para o qual foi convocada. A poesia, não rasurando, mas agregando valor ao testemunho, resiste; como afirmou Alfredo Bosi “resiste à falsa ordem, que é a rigor, barbárie e caos, ‘esta coleção de objetos de não amor’ (Drummond). (...) Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.” (BOSI, 2000, p.169); resiste falando-nos, por Tierra, de um tempo, o nosso, que ainda está longe de um horizonte de plena libertação.

Considerações Finais

Como disse o poeta diante da amplitude e complexidade que o gesto testemunhal abarca, há muitas coisas que gostaria de dizer nesse texto dedicado a breves reflexões sobre o testemunho na poesia de Pedro Tierra. Algumas considerações ficam registradas como possibilidades de leitura de alguns dentre tantos poemas que instigam à reflexão nesse livro do “povo da noite”, cuja relevância poderia ter atraído mais olhares desde sua publicação em 1979. Seus versos parecem ainda cumprir a função de dar a ver a violência, os abusos, de uma falsa ordem encarnada pela ditadura militar e da qual nem todos se desvencilharam; ainda cumprem a função de lutar contra as lacunas da história oficial que guarda ainda muitas páginas em arquivos não acessados, de lutar pela palavra, simbolicamente, contra os que jamais tiveram uma punição, e dar, pela escrita, túmulo aos que ainda restam como “desaparecidos”.

É esta poesia, que tanto nos diz sobre o nosso presente, um gesto de resistência que, como ensaiei ler, acaba por nos mostrar a potência da palavra que resiste,

enriquecendo e desdobrando os caminhos para acessar a realidade que se quer apresentar e problematizar. Pensar a palavra e a resistência, a palavra como resistência, neste congresso sediado em um espaço, hoje, de resistência, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é, talvez, uma forma de resistir à desesperança, à violência de nosso tempo, em que se propagam discursos que, efetivamente gestando a exclusão, a todos igualam como consumidores de uma sociedade que persegue o progresso, econômico e não humanitário.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Prismas*. Trad. A. Wernet e Jorge Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COMBE, Dominique. “A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e autobiografia”. Trad. Vagner Camilo e Isite Mesquita. *Revista USP*. Nº 84. São Paulo, 2010, p. 114-128.

DE PAULA, Marcelo Ferraz. “(Des)considerações sobre o testemunho na poesia lírica: uma proposta de diálogo”. *Anais do Congresso da Associação de Literatura Comparada*, 2015. Disponível em www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456104781.pdf

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Após Auschwitz”. Em SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, p. 89-110.

GINZBURG, Jaime. “Linguagem e Trauma na escrita do testemunho”. Em GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. *K: Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORAÑA, Mabel. “Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX”. Em PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. 3v. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1995, p. 479-515.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). *Cartas de esperança em tempos de ditadura – Frei Betto e Leonardo Boff escrevem a Alceu Amoroso Lima*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Publisher Brasil, 2009.

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editora Livramento, 1979.

YÚDICE, George. “Testimonio y concientización”. Em BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo. *La voz del outro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Guatemala: Latinoamericanos Editores, 2002, p.221-242.